

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

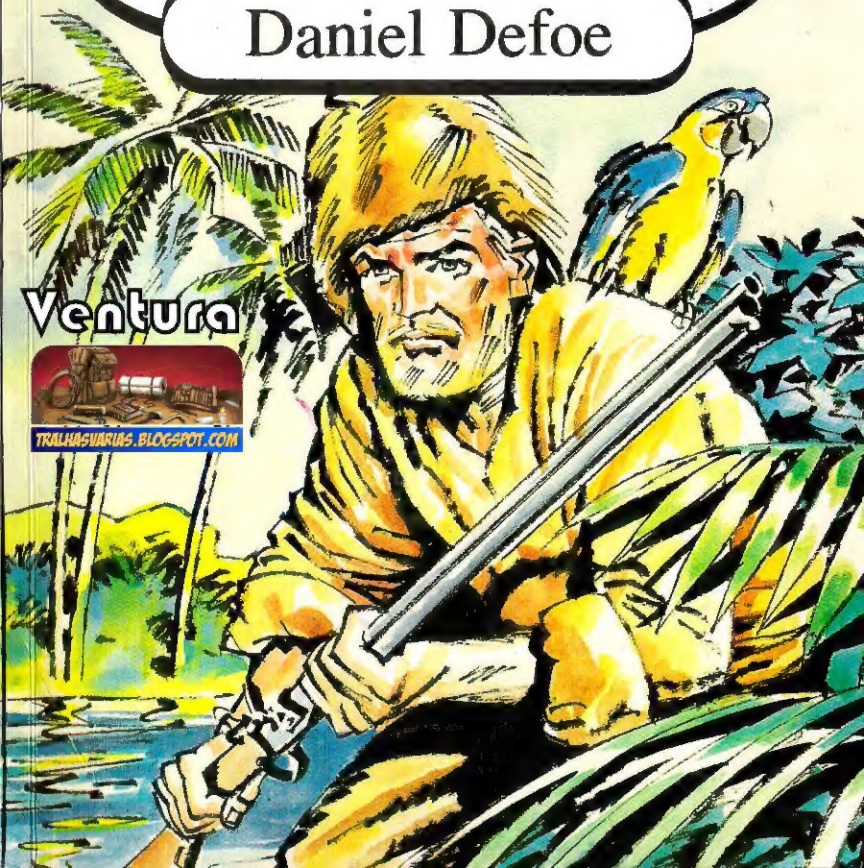
Robinson Crusoe

Daniel Defoe

Ventura



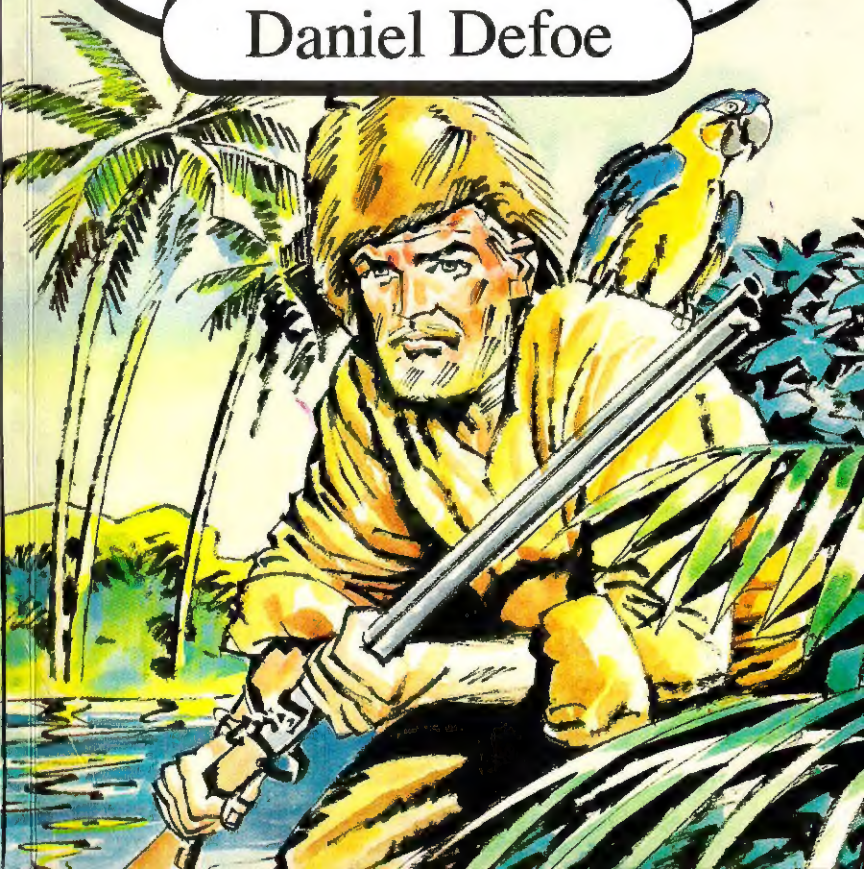
TRALHASVARIAS.BLOGSPOT.COM



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Robinson Crusoe

Daniel Defoe



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Robinson Crusoe

Daniel Defoe

EDITORIAL



PUBLICA

Tradução de Maria Auta de Barros

Copyright © 1978, 1986 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Textype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 515

Acabado de imprimir em Fevereiro de 1986

Depósito Legal n.º 10 107/85



○ Autor

Daniel Defoe nasceu em Inglaterra em 1660, filho de um talhante de Londres. Ainda jovem, em 1674, começou os estudos para o sacerdócio.

Mas Defoe não estava destinado a ser padre. A sua vida foi tão cheia de aventuras e animada como a do seu herói imaginário Robinson Crusoe. Capturado por piratas em 1683, Defoe serviu-se desta experiência bem como da história de um naufrago escocês para o seu primeiro e mais admirado romance. «Robinson Crusoe» só foi publicado quando o autor já contava perto de 60 anos, mas veio garantir a Defoe fama permanente.

Depois do êxito de «Robinson Crusoe», Defoe escreveu outros livros de que se destacam: «A Vida, Aventuras e Piratarias do Famoso Capitão Singleton» e «Diário do Ano da Peste».

Morreu em Abril de 1731.

Daniel Defoe

Robinson Crusoe

Adaptação
JOHN NORWOOD FAGO

Ilustração
E. R. CRUZ

Produção
VINCENT FAGO

Robinson Crusoe



Sexta-Feira



O cão de Crusoe

Nasci em 1632, na cidade de York, em Inglaterra. O meu pai era oriundo da Alemanha mas viera para Inglaterra onde se tornara mercador e adoptara o apelido de Crusoe. O nome de família da minha mãe era Robinson. Quando nasci, chamaram-me Robinson Crusoe.



Como era rico, o meu pai mandou-me para boas escolas; queria que eu fosse advogado. Mas era o mar que me atraía, e este facto preocupava os meus pais.

Certa manhã, o meu pai chamou-me ao seu quarto. Estava de cama com gota.*

Porque queres partir?
A vida no mar é tão perigosa!



Nem tens de trabalhar para ganhar a vida!
Se ficares em casa, dar-te-ei o dinheiro de que precisares.

Se te tornares marinheiro, terás muito tempo para pensar nos teus erros, quando não tiveres quem te ajude!



Oh, pai, satisfarei os seus desejos!



Como vera-me o que ele dissera.
Por algum tempo deixei de pensar em aventuras.

* doença que provoca muitas dores e inchaço das articulações

Mas depressa esqueci as palavras de meu pai, e voltei a sonhar com o mar. Passou-se quase um ano. Conheci um amigo que ia viajar no barco do pai para Londres e que me convidou a acompanhá-lo.

Partiremos em breve. Porque não vens conosco?



Assim, sem falar com os meus pais, aceitei o seu convite.



Sabes, é a primeira vez que estou no mar!

Nunca um jovem aventureiro teve mais azar. Pouco depois de largarmos, o vento começou a soprar com força. A altura das ondas assustou-me.



Vive no mar à vontade! Eu, se chegar a terra, nunca mais de lá saio!



Mas quando a
tempestade abrandou,
esqueci o que dissera.
E quando vi o Sol
nascer sobre o mar
calmo achei que era
a coisa mais bonita
que já vira.



Vamos beber
e esquecer o vento.
Aquilo não foi
uma tempestade!



Juntámo-nos
aos marinheiros
e fizemos
como eles...



No entanto, dias mais
tarde tivemos outra
tempestade.
Desta vez até os bons
marinheiros tiveram
medo.
Ouvi o dono
do barco rezar
enquanto trabalhava.

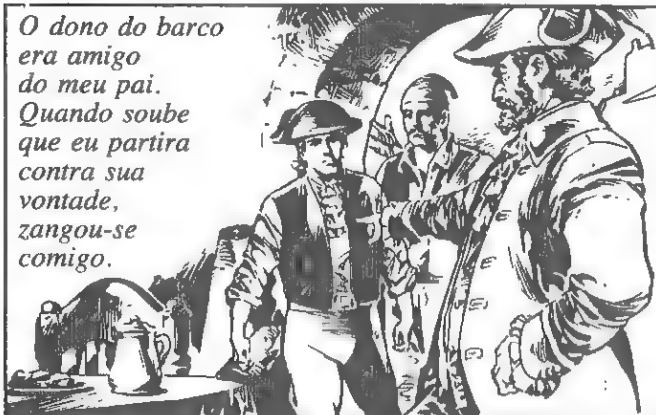
Senhor, olha por
nós ou morreremos
todos.



O barco estava perdido, mas conseguimos chegar a terra.



O dono do barco era amigo do meu pai. Quando soube que eu partira contra sua vontade, zangou-se comigo.



Meu rapaz, devias ver nisto um aviso. Não foste feito para marinheiro. Eu não navegava contigo nem por todo o dinheiro do mundo!

Se não voltares, vais ter problemas até enfrentares o teu pai.



Mas, como era insensato, continuei a viagem para Londres.

Aí encontrei o dono de um navio que ia para a Guiné*. Convidou-me a partir com ele. Disse que podia levar mercadorias comigo para trocar com os nativos**.



Se conseguires arranjar dinheiro, indico-te o que deves comprar.

Esta foi a única viagem que saiu como eu queria. O comandante ensinou-me o que levar e como negociar. Ensinou-me também a navegar.



O comandante morreu no regresso. Entreguei o meu dinheiro à viúva dele. Ela prometeu ensinar-me mais sobre comércio.



O meu marido gostaria que eu o ajudasse.

* país na costa oeste da África

** pessoa nascida em determinado lugar

Voltei a partir no mesmo barco. Ao largo da costa espanhola fomos apanhados por piratas de um barco turco.*



*Levaram-nos para Salé, um porto pertencente aos mouros**. O comandante do navio pirata fez-me seu escravo porque eu era jovem e forte. Recordei com tristeza as palavras de meu pai.*



O meu patrão começou a confiar em mim. Mandava-me muitas vezes pescar para ele. Passaram-se dois anos. Um dia, quando estava a pescar, decidi tentar fugir.



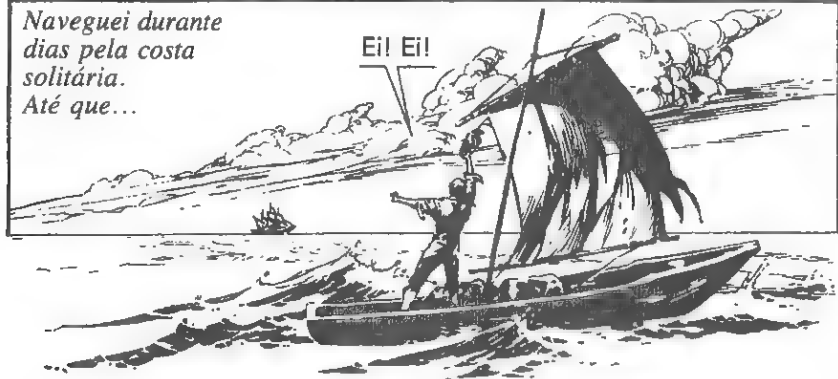
É a altura de fugir. O vento está favorável e até tenho comida. Talvez descubra navios mercantes ingleses.

* natural da Turquia, país do Mediterrâneo

** natural da costa noroeste de África

*Naveguei durante
dias pela costa
solitária.
Até que...*

Ei! Ei!



*Fui recolhido
por um barco
que ia para
o Brasil.
Fiquei tão feliz
que ofereci
o meu barco
à vela ao
comandante.
Mas ele tinha
outra ideia.*

Salvei-te a vida como
gostaria que salvasses
a minha.



Não quis
aceitar
nada.

*Passados
22 dias
chegámos
ao Brasil.*

Nunca poderia
esquecer
a generosidade
do comandante.
Ele comprou-me
o barco à vela,
e fui para terra
em busca
de fortuna.

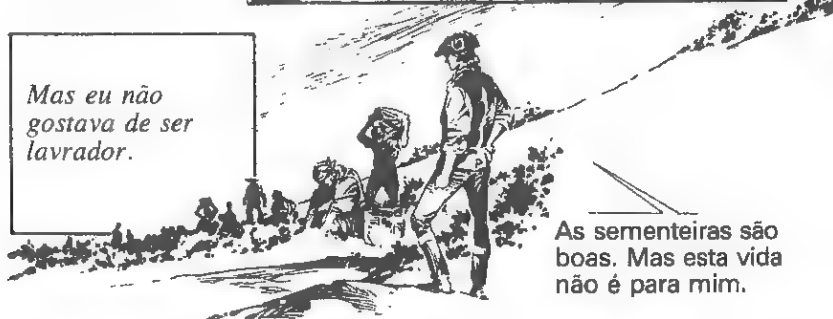


O comandante levou-me a um homem bom e honesto que era dono de uma roça de açúcar. Vi que os fazendeiros enriqueciam depressa, e por isso decidi comprar uma terra.*



Este solo é rico. Basta deitar as sementes e fazer a colheita.

Mas eu não gostava de ser lavrador.



As sementeiras são boas. Mas esta vida não é para mim.

Vivi 4 anos no Brasil. Se lá tenho ficado, teria enriquecido. Mas algo me fez mudar de ideias.

Vamos mandar um barco a África para trazer escravos. Queres tu comandá-lo?

Não gastarás dinheiro com a viagem.



Os fazendeiros eram meus amigos. Contara-lhes as minhas aventuras na costa da Guiné. Era natural que fosse eu a partir.

* quinta grande onde se planta cana-de-açúcar

Eu nascera
para ser
meu inimigo
e aceitei
a oferta.
Partimos no dia
1 de Setembro
de 1659,
exactamente
8 anos depois
de sair de casa
de meu pai.



Passados
12 dias
levantou-se
um temporal.
Durante dias
navegámos fora
de rota sem
sabermos onde
estávamos.



Por fim,
avistámos terra.
Receosos de que
as ondas
partissem o
barco, fugimos
num barco mais
pequeno.
Só queríamos
escapar à fúria
do mar.



*Remámos para terra
com toda a força.
O bote podia ser
feito em pedaços
a qualquer momento.*



*De repente,
uma onda
enorme
envolveu-nos.*

*Fomos
engolidos num
abrir e fechar
de olhos.*



*Tive de lutar
para não me
afogar.
Pensei que iria
rebetar de
tanto suster
a respiração.
Por fim,
cheguei
à praia.*

*Tenho sorte em
estar vivo!*



*Todos os outros
morreram
afogados.
Vi o nosso navio
a naufragar no
alto mar.*

Porque fui
o único que
se salvou?



*A noite
aproximava-se.
Trepei
a uma árvore
grande.*

Se aparecerem feras
durante a noite,
estarei seguro aqui.



*Ajeitei-me
entre os ramos
e adormeci.*

*Já era dia
quando acordei.
A tempestade
passara.
Fiquei
surpreendido ao ver
que o navio estava
quase em terra.*

O mar está calmo
e a maré baixa.
Talvez consiga
salvar algumas
coisas do navio.



Podíamos ter ficado
no navio e ter sido
salvos! Agora estou só.



Enchi os bolsos de pão que
comeria mais tarde.
Depois, tentei encontrar
aquilo que sabia que me
seria útil em terra.

Não tenho muito tempo
até a maré voltar a subir!
Tenho de construir uma
jangada para transportar
as coisas para terra.



Depois de encontrar o estojo
de ferramentas do carpinteiro,
construí uma jangada.
E logo comecei a transportar
as provisões.



Estas coisas vão servir-me.
Até tenho pão, arroz e queijo.
Sou capaz de não conseguir
manter a pólvora seca.

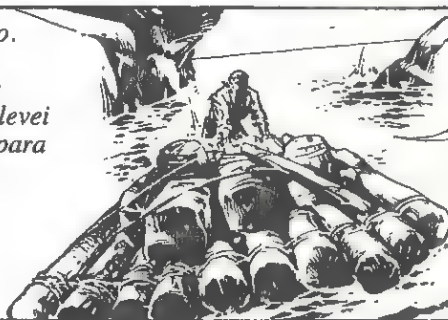
A maré estava a subir e o vento soprava para terra.

Tentei remar em direcção a uma enseada.



Preciso de um sítio para acostar. Aquele parece ser um bom lugar.

Tinha razão. Ainda que com alguns problemas levei a jangada para a enseada.



A corrente aqui é rápida. Não quero afastar-me muito da costa. Quero ver os barcos que passem pela ilha.

Havia um morro ali perto. De lá conseguia avistar toda a ilha.



Vou ficar a saber se há mais habitantes na ilha.

Depois de uma caminhada difícil, cheguei ao cimo do morro. Estava só.



Tenho a certeza que estou sozinho na ilha. Tenho de ter cuidado é com os animais selvagens.

Estava numa ilha deserta. Conseguia avistar uns rochedos e duas ilhas mais pequenas para Oeste. Nas outras direcções só havia mar.

*Vendo que estava só,
voltei para carregar
as provisões.
Servi-me das tábuas
e da vela
que trouxera do barco
para fazer uma tenda.*

*Já tenho um lugar
seguro para
passar a noite.*

*Na manhã seguinte,
lembrei-me que ainda
havia muitas coisas
úteis a bordo
do navio.*

*Outra tempestade
e ele afundar-se-á.
Tenho de trazer
o que puder antes
que isso aconteça.*

*Todos os dias,
com a maré baixa,
ia ao barco buscar
o que podia.*

*Fazer uma jangada nova
de cada vez que vou a
bordo é uma boa maneira
de trazer mais madeira.*

Ao fim de 13 dias, tinha ido a bordo onze vezes e transportara para terra tudo o que pudera.

Graças a este bom tempo poderei trazer o barco todo para terra, peça a peça.



Nessa noite, houve um grande temporal, mas senti-me seguro a dormir na minha tenda. De manhã o barco tinha desaparecido.



O barco afundou-se. Não creio que lá restasse nada útil.

Mas no 14.º dia fiz a última viagem. O que restava no barco não tinha valor. O vento começara a soprar e decidi voltar para terra a nado. Sabia que não tinha tempo para fazer outra jangada.



*Sem o navio,
tinha de pensar
noutras coisas.
Tinha de
proteger-me
dos selvagens
ou dos animais
ferozes que
aparecessem.*

Este sítio é melhor!
O outro é muito baixo
e muito próximo do
mar. Este é mais
elevado e tem água
doce. Estarei a salvo
e continuarei a ter
boa vista.

*Foi preciso
muito tempo
e muito
trabalho para
construir uma
fortaleza. Pus
dentro dela
os meus bens,
comida
e outras
provisões.*

Esta fortaleza é forte.
Nem homem nem
animal pode transpô-la!
Depois de retirar
a escada, poderei ficar
descansado.

*Depois de
transportar
o resto das
coisas, fiz uma
gruta na rocha.
Iria servir
de cave para
a minha casa.*

A cave servirá
também para
acender uma
fogueira quando
começarem
as chuvas.

Entretanto, todos os dias
saía a explorar a ilha.
Levava a espingarda na
esperança de encontrar
algo que pudesse caçar.

Descobri que
havia muitas
cabras na ilha.
Eram velozes
e não me
deixavam
aproximar.

Apanhei uma!
Já tenho carne
fresca. Já não
terei de gastar
tão depressa
a comida que
trouxe de bordo!

Passados alguns
dias, percebi
que ia perder
a noção do
tempo.

Para evitar isso,
coloquei uma
cruz na praia,
no sítio onde
estivera
primeiro.

Sou um homem de sorte!
Deve haver uma razão
para ser o único
sobrevivente.
Tenho de saber os dias
que aqui vou passar.

CHEGUEI A ESTA PRAIA
NO DIA 30 DE SETEMBRO DE 1659

Todos os dias
fazia um corte
na cruz com a
faca. Era o meu
calendário.

A bordo tínhamos dois gatos e um cão. Também eles sobreviveram. Foram os meus únicos amigos durante muitos anos.



Somos bons amigos. Quem me dera ensinar-lhes a falar! A única voz que ouço é a minha.

A tarefa seguinte foi aumentar a gruta. Queria mais conforto durante a época das chuvas e um lugar para guardar bem as minhas provisões.



Felizmente esta pedra não é muito dura.

Vi que não valia a pena temer os animais selvagens. Assim, cavei a gruta até ao lado de fora da vedação. Demorei 18 dias a fazê-lo. A gruta tornou-se a minha cave, cozinha e sala de jantar.

Nunca aprendera a utilizar ferramentas, mas descobri que podia fazer o que quisesse.



Começo a pensar que um homem se basta a si próprio. Só tem de pensar e agir com tempo.

Por essa altura, descobri um saquinho de bordo, onde costumavam guardar sementes, mas que os ratos já tinham comido. Deitei fora o que restava.

Posso guardar a pólvora neste saco!



Um mês depois, no sítio onde despejara as sementes havia trigo, arroz e milho a crescer.*

Comecei a cultivar cereais!
Que sorte ter deitado fora as sementes no sítio e na altura certos!



Quando estava maduro, colhi-o. Tencionava semear outra vez até conseguir o suficiente para fazer pão.

Vai demorar anos, mas um dia hei-de fazer pão!



*Entretanto, comecei a reflectir sobre a vida.
O que é isto de terra e mar?
Quem sou eu?
Quem fez o mundo?*



* cereal que se usa para fazer pão

Pouco tempo depois de descobrir as sementes, adoeci. Durante vários dias estive muito doente. Pela primeira vez, comecei a rezar.

Em vez de sentir pena de mim, lamentei o desgosto que dera aos meus pais!



Quando me senti mais forte, decidi voltar a explorar a ilha. Já ali estava há dez meses.



Num vale fiz uma descoberta maravilhosa.



Cachos de uvas maduras que estavam boas para ser apanhadas. Sabia que podia secá-las ao Sol e fazer passas.

Se as levar comigo, esmago-as. Tenho de pendurá-las aqui para secarem ao Sol.

Descobri também melancias, laranjeiras e limoeiros.

Isto é um paraíso!



No fundo, estava feliz com a minha vida. Comecei a ver-me como rei desta terra.

Talvez devesse construir uma casa! Conservarei a casa da praia, mas podia passar algum tempo na casa de campo!



Construí uma
vedação à volta
do local.
Agora podia
ter duas casas.



A 3 de Agosto
colhi mais de
200 cachos de
uvas. Levei-os
comigo para a
minha gruta.

Vão ser
a melhor
parte da
alimentação
de Inverno!



Depressa começou
a chover todos os dias.
Cheguei a não poder sair
da gruta.

A 30 de Setembro
passara um ano na ilha.
Decidi que esse dia
seria feriado.

Fiz a colheita bem
a tempo! Parece que
começou a época
das chuvas!



Dou graças a Deus
por olhar por mim
durante um ano!

Aprendi a distinguir a época das chuvas da estação seca. Em Fevereiro semeava. Sabia que as chuvas de Março e Abril regariam as sementes.



Sou um bom agricultor! Faço duas colheitas por ano!

Enquanto o milho crescia, fiz outra descoberta interessante. Fui visitar a minha casa de campo. A vedação parecia estar a crescer também.



É um lugar fresco e sombrio. Passarei aqui a estação seca.

Cortei alguns ramos para fazer outra vedação à volta da primeira que circundava a minha casa da praia.



Se aparecerem estranhos, não me descobrirão.

Depressa esses ramos cresceram também. Eram um bom disfarce para a minha casa.

*Quando os ramos cresceram,
encontrei utilidade também
para os galhos.*



*Vou usá-los
para fazer
cestos.*

*Em criança
vira muitos
cesteiros na minha
cidade. Ia tentar
fazer como
aprendera
com eles.*

*Deve ter força para
aguentar o grão.*

*Durante a
estação
das chuvas
fiz muitos
cestos.*

*Estava desejoso
de continuar a
explorar a ilha.*

*Quando o tempo
melhorou, peguei
na espingarda,
na machadinha,
no cão e em
algumas passas
e comecei
a viagem.*



*Talvez do outro lado
se avistem melhor
as outras ilhas.*

*Estava um dia claro.
Quando cheguei ao cimo do morro
avistei terra a grande distância*



Deve ser parte da América.
Pode haver canibais*. Ainda bem
que não naufraguei lá!

*Atravessei para o lado oeste
da ilha. Era mais bonito do que
o meu lado. Passei dias
a explorá-la*

É uma região
linda, mas
continuei
a preferir
a minha.



*Ao chegar à praia vi muitas
tartarugas. E também muitas
aves diferentes! E na vertente
do morro...*



Estou
a ver
cabras!

*De volta a
casa, o meu
cão apanhou
um cabrito.
Mas não
deixei que ele
o matasse.*



Não tenhas medo.
Eu vou cuidar de ti.

* pessoa que come seres humanos

Tencionava criar um rebanho de cabras. Estivera longe um mês, e como era bom estar de volta.

Enquanto aqui viver,
nunca voltarei a estar
longe tanto tempo!



A 30 de Setembro festejei o meu segundo ano na ilha. Rezei a agradecer.



Senhor,
obrigado por
me protegeres
mais este ano.



Esta vida fez
de mim um
homem melhor.

E comecei o meu terceiro ano. Em cada colheita juntava mais cereal. Não tardaria a ter o suficiente para fazer pão.

*Entretanto,
apanhara
um papagaio
e tentei ensiná-lo
a falar.*

Como te
chamas?

Poll!



Consegui
ensinar o
papagaio a
dizer o nome
dele. Por fim
ouvia uma voz
além da minha!

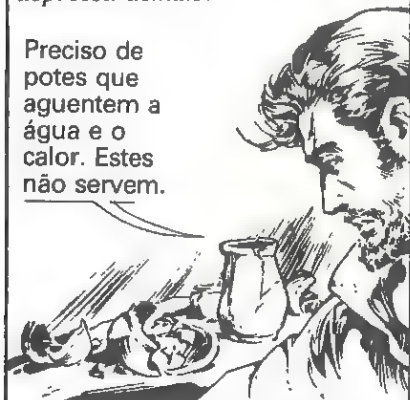
Para fazer pão precisava mais do que cestos. E tentei fazer potes de barro.



Que aspecto têm estes potes!

Mas o Sol quente secou o barro depressa demais.

Preciso de potes que aguentem a água e o calor. Estes não servem.



Um dia, descobri um bocado de barro no fogo. Estava duro como pedra.

Creio que descobri o segredo!



Se o calor endurecia bocados dos potes partidos, talvez conseguisse endurecer os potes inteiros.

Coloquei os potes no centro de um anel de fogo. Debaixo deles, pus carvão e fiquei de guarda ao fogo toda a noite.



Quando os potes ficaram vermelho claro, deixei apagar o fogo. Depois de arrefecerem, vi que estavam duros. Já tinha potes.

Estava tão feliz que
tentei outra coisa.
Fiz um almofariz
e um pilão* para
reduzir o cereal
a farinha.



Depois, fiz um
forno e pus
carvão quente
à roda dele.
Para mim, era o
melhor forno
do mundo.



Agora podia
cultivar cereal
para durar um ano.



Vou construir
um celeiro
maior para
guardar o
milho, o trigo
e o arroz.

As coisas estavam
a correr bem.
Já não me
preocupava com
os canibais.
Mas o meu desejo
era regressar.



* vaso e maço onde se mói grão

*Decidi fazer uma canoa grande.
Demorei vinte dias só
para cortar a árvore.
Trabalhava muito, mas
planeava mal as coisas.*



Primeiro vou escavá-la.
Depois, arranjaréi maneira de a
pôr na água.

*Demorei um mês a talhar
o exterior e quase três para
escavar o interior. A canoa era
maior do que qualquer uma
que eu vira. Dava para vinte
homens.*



Que linda canoa!

*Depressa percebi como fora tolo.
Apesar da água estar perto, eu não
consegua mover a canoa.*



E deve ser a mais pesada que
existe! Da próxima tenho de
planear antes de começar
a trabalhar.

Enquanto trabalhava na canoa, completei o quarto ano aqui. Vivia agora com muito mais conforto do que no início.



Entretanto, as minhas roupas estavam gastas. Esforcei-me por fazer umas novas.



Sou o melhor alfaiate da ilha! As minhas novas roupas defendem-me do calor e da chuva.



*Durante 5 anos
nada mudou.
Todos os anos
semeava trigo e arroz...*

*As colheitas
melhoram
todos os anos!*



*... e secava
as uvas para
fazer passas.
Tentava ter
cereais
e passas
que durassem
um ano
inteiro.*



*Há pouca gente no mundo
que tenha comida para
um ano inteiro.*

*Acabei por
fazer uma
canoa
pequena.
Escavei um
canal que me
permitiu
lançá-la
à água.*

*Demorei dois anos
a fazer esta canoa.
Mas não lamento nem
um só minuto deste
tempo!*

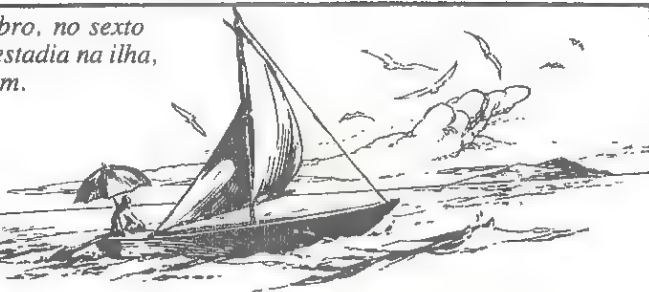


*Decidi usá-la para
navegar à volta
da ilha.
Primeiro,
carreguei-a de
provisões.*



*Tenho pão, carne,
fruta e pólvora. Deve ser
suficiente para a viagem.*

A 6 de Novembro, no sexto
ano da minha estadia na ilha,
parti em viagem.

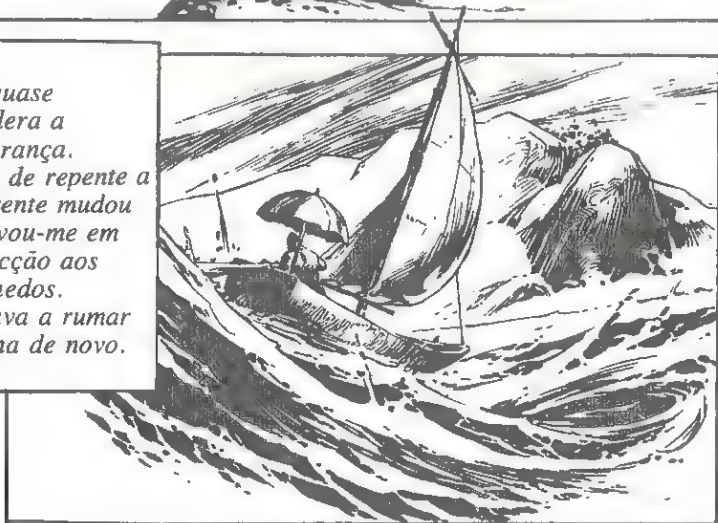


Esperei até
o mar estar
calmo. Mesmo
assim, fui
arrastado por
uma corrente
forte, que me
levou para
o mar alto.

Nunca deveria
ter deixado a
minha bela ilha!



Já quase
perdera a
esperança.
Mas de repente a
corrente mudou
e levou-me em
d direcção aos
rochedos.
Estava a rumar
à ilha de novo.



*Mal cheguei à praia,
ajoelhei
e rezei
a agradecer.*

*Mais uma vez
aprendi a dar
valor àquilo que
quase perdi.*



*Depois disto, desisti da ideia
de deixar a ilha.
Encontrei um sítio
abrigado para a canoa.
Depois, voltei para casa.*

*Confio mais
nos pés do
que nas
correntes!*



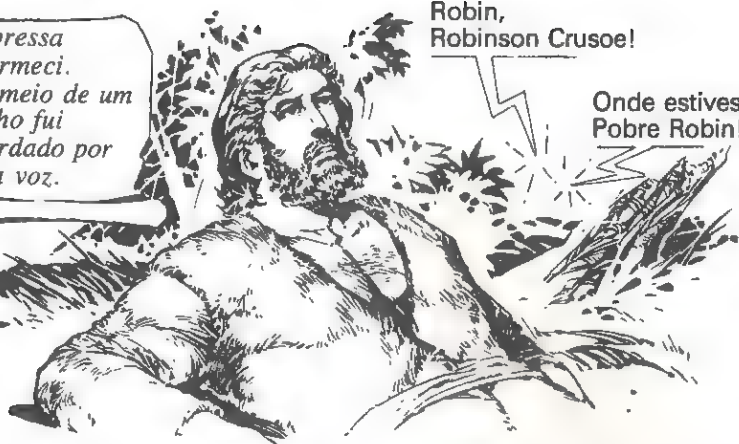
*Quase não conseguia alcançar a minha
casa de campo. Quando lá cheguei,
deitei-me à sombra a descansar.*



*Depressa
adormeci.
No meio de um
sonho fui
acordado por
uma voz.*

Robin,
Robinson Crusoe!

Onde estiveste?
Pobre Robin!



*Era o meu Poll. Aprendera
a imitar a minha voz
e parecia muito triste.*

*É bom ter quem
nos receba.
Mesmo que
sejas só tu.*



*Por agora, tinham-se acabado
as viagens.
Feliz, deixei-me
ficar perto de casa.*



Já estava há onze anos na ilha.
Voltei a pensar em domesticar
algumas cabras selvagens.
Até agora não fora capaz
de fazê-lo.

Tenho de arranjar
maneira de
apanhá-las.



Escavei vários poços em sítios
onde vira as cabras comer.
Tencionava cobrir os poços para
os disfarçar. Colocaria depois
uma isca na cobertura.

O milho
deve ser uma
boa isca.



Apanhei
algumas cabras.
Tinha agora de
construir uma
cerca para as
pôr lá dentro.



Libertarei os
animais maiores
e conservarei os
mais pequenos.
São mais fáceis
de domesticar.

Escolhi campo
aberto para
fazer a cerca.
Tinha água
doce e muita
erva para
pastagem.



Esta vedação
vai impedir
as cabras
de fugir.

*Em três anos
juntei cerca de
40 cabras em
cinco pastagens
diferentes. Delas
tirava leite para
fazer manteiga
e até queijo.*



Já tenho gado
leiteiro!
E a minha
olaria está melhor
também!

*Em tempos
receava morrer
de fome ... ou ser
morto pelos
animais
selvagens.
Agora
estava seguro.
Era o senhor de
toda a ilha.*



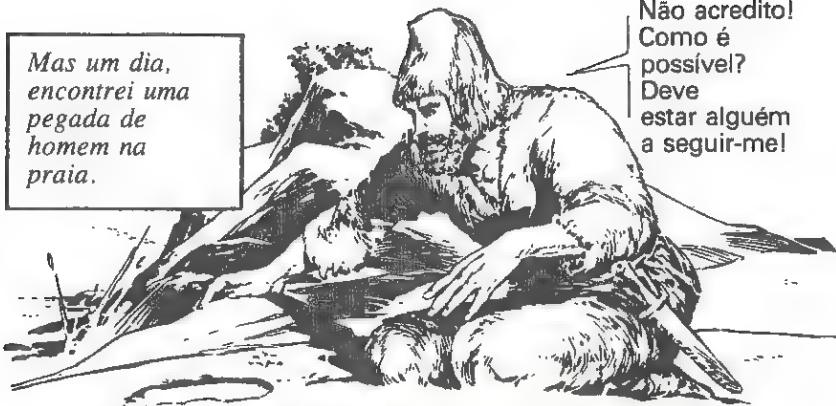
Aprendi a
encontrar muita
comida aqui.
Nunca passarei
fome.

*Todas as noites
comia como um rei.
Dos meus amigos,
Poll era
o preferido
e o único
autorizado a falar
comigo!*



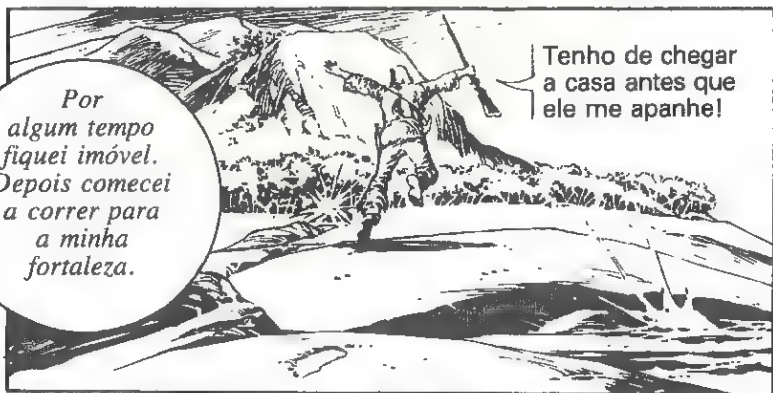
*Mas um dia,
encontrei uma
pegada de
homem na
praia.*

Não acredito!
Como é
possível?
Deve
estar alguém
a seguir-me!



*Por
algum tempo
fiquei imóvel.
Depois comecei
a correr para
a minha
fortaleza.*

Tenho de chegar
a casa antes que
ele me apanhe!



*Pensei que os
selvagens talvez
visitassem a ilha
de vez em quando.
Receei que
descobrissem
vestígios meus.
Podiam voltar para
me matar.*



Já não me sentia seguro. Mas sabia que temer o perigo era pior que o próprio perigo.



Os selvagens podem ter encontrado o meu barco! Podem estar a procurar-me neste instante!

Sabia que tinha de proteger-me a todo o custo.



É a primeira vez que vejo sinais de outras pessoas. Não devem cá vir muitas vezes nem por muito tempo!

Acrescentei uma segunda muralha à minha fortaleza. Coloquei as minhas sete espingardas em pequenas aberturas como se fossem canhões.

Levei um mês a acabar a muralha. Só me senti seguro quando ela estava pronta.



Dentro de dois anos era um bosque e ao fim de cinco uma floresta; tão espessa que ninguém me descobriria por detrás dela.



Entretanto, não esqueci os meus outros deveres.

Como bom lavrador tenho de cuidar do que comecei.



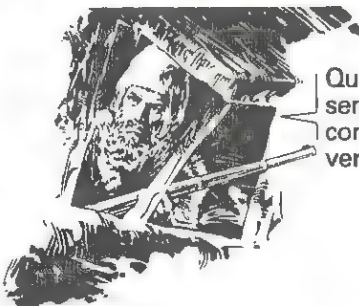
Construí vedações à volta de três pastagens. Tinha aí cabras novas. Se atacassem o resto do rebanho, estas salvar-se-iam.



Estava na ilha há quase 18 anos.

Aquela pegada fizera-me recear os canibais.

Durante dois anos, só saí da fortaleza para tratar do rebanho e da terra.



Quem me dera sentir seguro como antes de ver a pegada!

Acabei por pensar que os selvagens não vinham para este lado da ilha.

Um dia, no extremo mais afastado da ilha, vi a praia coberta de ossos. Pareciam os restos de um banquete canibal.



*Estava grato por
viver onde ninguém
me encontrava.
Mas a partir dali só
pensava na maneira
de me livrar dos
selvagens.*



*Encontrei um
bom lugar para
um ataque-
-surpresa.
E passei meses
à espera do
regresso dos
canibais.*

*Talvez consiga
salvar alguém
de ser comido
por eles!*



*Acabei pensando que
talvez isto também fosse
uma lição para mim.
Para essa gente comer
carne humana era o
mesmo que para nós
comer carne de vaca.*



Desisti dos meus planos para atacar os selvagens. Durante mais alguns anos vivi uma vida calma. Até que uma noite, no meu 24.º ano na ilha, tive um sonho.

No meu sonho, os canibais chegavam à ilha, mas o homem que iam comer, fugia. Vinha ter comigo e tornava-se meu criado.



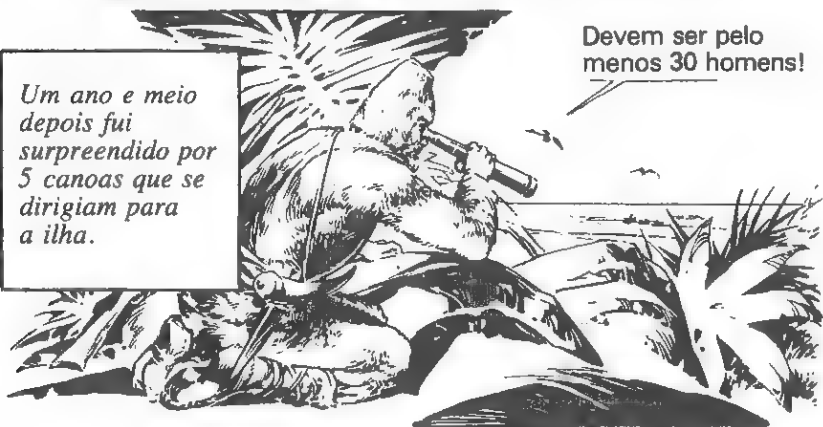
Acordei feliz com a ideia de um novo companheiro. Fiquei triste quando vi que não passava de um sonho.



Já não estou em paz! Não posso ser feliz aqui sem a companhia de outro ser humano.

Um ano e meio depois fui surpreendido por 5 canoas que se dirigiam para a ilha.

Devem ser pelo menos 30 homens!



Um dos
prisioneiros
fugira.
De repente,
lembrei-me do
meu sonho.

Tenho de ajudar
o pobre homem!
Mas não quero
que venham
todos para o meu
lado da ilha.

Vinham só dois
homens atrás do
prisioneiro.
Acabei com eles.
Não apareceu
mais ninguém.

O homem ficou-me muito
agradecido.

O meu
sonho
realizou-se!
Agora já
tenho com
quem falar!

Comecei logo a falar
com o nativo para que
ele aprendesse a falar
comigo. Disse-lhe que se
chamava Sexta-Feira, por ser
o dia em que eu o salvara.

O nativo enterrou depois
os dois mortos para não
haver sinais deles.

Sexta-Feira.
Sexta-Feira.

Sexta-Feira!

*Receava que os outros
tivessem ouvido os tiros.
Mas as canoas partiram
naquela tarde,
calmamente.*



*Partilhei o meu pão e
as passas com o
Sexta-Feira.
Por gestos ele disse
que me serviria
o resto da
sua vida.*



*No dia seguinte, fiz umas
roupas para o Sexta-Feira.*

*Estas devem
servir como
as minhas
para afastar
o calor
e a chuva.*



*Fiz uma cama para o
Sexta-Feira entre as duas
paredes e tranquei a porta da
gruta. Mas demorei pouco a
começar a confiar nele.*

*Será
bom ter
companhia!*



Ensinei o Sexta-Feira a fazer pão. Depressa ele começou a fazer o meu trabalho.

Aprendes depressa, Sexta-Feira!



Agora eram duas bocas para comer. Alarguei o campo para semear mais milho. Sexta-Feira trabalhava muito e com satisfação.

Vamos cavar este campo para semear mais milho.

Sexta-Feira cava!



Foram os anos mais felizes que eu passei na ilha. Sexta-Feira depressa aprendeu a falar inglês. E sabia fazer-me rir.



Mas, uma
manhã,
Sexta-Feira
entrou correndo
no meu quarto.

Patrão,
patrão,
chegou um
barco!

Desembarcaram
uns homens
que traziam
consigo
prisioneiros.
Aproximámo-nos.

Patrão,
os ingleses
vão comer
os prisioneiros?

Não. Talvez os
matem, mas não
os comem.

Parecia que os marinheiros se
tinham amotinado* e tencionavam
abandonar o capitão na ilha.

Meus senhores,
parece que vão ter
uma ajuda com
que não contavam.

É um homem ou
um anjo?

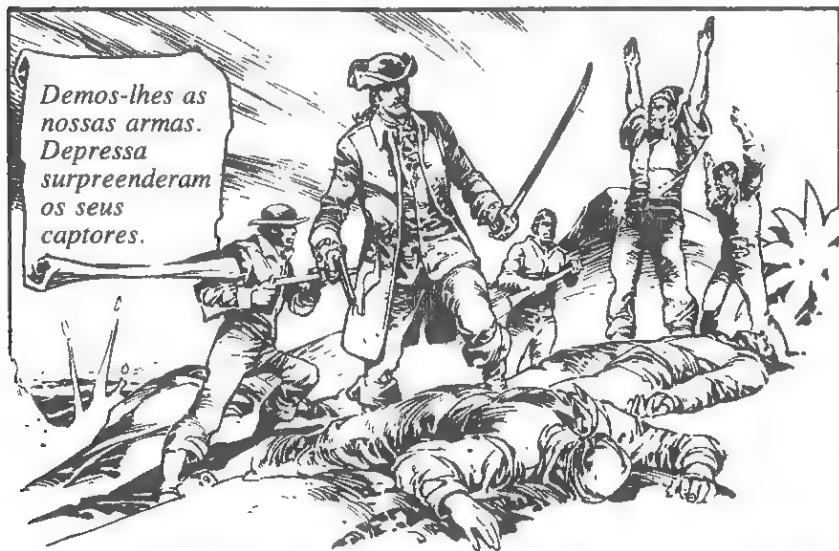
Se viesse um anjo em
vosso auxílio, viria mais
bem trajado. Mas eu
também sirvo.

* revoltado contra a autoridade estabelecida

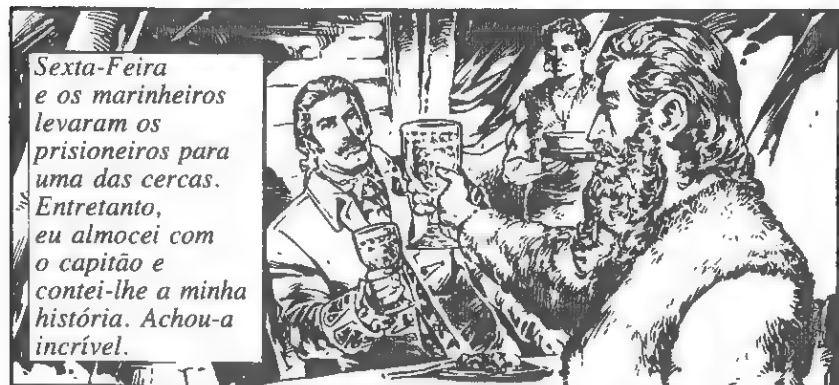
Salve-nos, por favor!
Levá-los-emos para
Inglaterra. O dono
do barco
recompensá-lo-á.



Demos-lhes as
nossas armas.
Depressa
surpreenderam
os seus
capttores.



Sexta-Feira
e os marinheiros
levaram os
prisioneiros para
uma das cercas.
Entretanto,
eu almocei com
o capitão e
contei-lhe a minha
história. Achou-a
incrível.



Nessa tarde,
vieram mais
marinheiros
procurar o
primeiro grupo.
Mas nós
estávamos
preparados e
apanhámo-los
com facilidade.



Muitos dos prisioneiros disseram que tinham sido obrigados a revoltar-se contra o capitão. Rogaram que os levassem até ele para lhe mostrarem a sua amizade. Disseram mesmo que o ajudariam a reconquistar o barco.

Nada deterá
aqueles homens!

Dê-nos outra
oportunidade!
Melhor tripulação
não arranja.



Nessa noite, o capitão levou dois botes e alguns homens. Esperavam repossar-se do barco. Mal ouvi os canhões adormeci, sabendo que o barco estava salvo.

Dormi profundamente. De manhã, fui despertado por gritos de alegria.



Meu caro amigo, nós e o navio estamos à sua disposição.

Seguiu-se uma bela festa e deram-me muitos presentes. Há mais de 20 anos que não via roupas tão novas e limpas.

Como é diferente o toque desta camisa da pele que tenho usado!



Restava-nos decidir o que fazer com os 5 prisioneiros. O capitão receava tê-los de volta no barco.



Ofereci-lhes a minha casa. Se quisessem ficar, não teriam de regressar à Inglaterra onde seriam enforcados.

Se trabalharem, podem ter uma boa vida aqui.



Os homens queriam ficar. Disse-lhes como semeava o milho, como secava as uvas e como vivia.

E assim, ao fim de vinte e sete anos, dois meses e nove dias deixei a ilha. Era o dia 9 de Dezembro de 1686. O meu bom amigo Sexta-Feira partiu comigo para nunca mais me deixar.

Sexta-Feira, vai ser uma vida nova para nós. Mas vou sentir sempre a falta da minha ilha.



Quando cheguei à Inglaterra senti-me como um estranho. A minha família ou morrera ou não a conseguiam localizar.

Houve muitas mudanças!



Decidi viajar para Lisboa. Queria saber se havia notícias da minha plantação.



Custa a crer que não seja um sonho!

Em Lisboa, encontrei o meu velho amigo, o capitão do navio que me salvara quando eu fugira do Norte de Africa.

Estamos mais velhos, amigo.



Ele tinha ótimas notícias. A minha plantação desenvolvera-se tão bem que eu era um homem rico.

O capataz da plantação continuou o trabalho começado por si.



Mandei dizer para o Brasil que ainda estava vivo. Depois decidi voltar para Inglaterra. Dados os meus azares nas viagens por mar, resolvi viajar por terra.



Não será a última vez que nos vemos.

Atravessámos os Pirenéus* no meio do Inverno. No caminho, fomos atacados pelos lobos. Concluí que preferia enfrentar uma tempestade no mar.



Estava feliz por regressar à Inglaterra. Decidi, então, vender a plantação.



É muito bom estar de volta a casa!

* cadeia montanhosa entre a França e a Espanha

*Vendi a plantação por
33 000 moedas de ouro.*



*Está acabado
o seu negócio
no Brasil.
Pagaram-lhe
bom preço.*

*Muito rico, voltei para York,
a minha terra. Lá, encontrei
os dois filhos do meu irmão
que tomei à minha guarda.*



*Meus rapazes,
você são a
única família
que me resta!*

*Eduquei o mais velho como
um cavalheiro.
E juntei mais dinheiro
ao que o pai lhe deixara.*

*Foi muito
generoso, tio.*



*Mandei o outro rapaz para
o mar durante 5 anos.
Era corajoso, e por isso fi-lo
capitão do seu próprio navio.*



Casei-me, mas a minha mulher morreu pouco tempo depois. Então, apesar de já estar muito velho para aventuras, o meu sobrinho convenceu-me a viajar outra vez.

Sempre me senti atraído, pelo mar.

Mais tarde, Sexta-Feira e eu visitámos a ilha. Ouvimos uma história tão emocionante como a minha.

Fizemos o que nos disse. O nosso esforço foi recompensado.



Dividi a ilha em partes. Depois, deixei ficar ferramentas, roupas, armas e pólvora e voltei para o barco.

A minha vida de aventuras que começara tão insensatamente, terminara com felicidade.

A minha vida foi estranha e as recompensas não foram fáceis. Mas não lamento nada. Aprendi bem as lições difíceis!

FIM

PERGUNTAS

1. Indica algumas das aventuras vividas por Robinson Crusoe antes de ficar sozinho na ilha.
2. Onde arranjou Crusoe as provisões que necessitava para começar a vida na ilha? Quanto tempo demorou?
3. Como conseguiu Crusoe não perder a noção do tempo que passava na ilha?
4. Indica algumas das maneiras que Crusoe utilizava para se manter defendido dos selvagens e dos animais ferozes.
5. Faz uma relação com pelo menos cinco das coisas que Crusoe comia e os locais de onde elas provinham.
6. Como chegou Sexta-Feira à ilha de Crusoe? Como se tornaram amigos?
7. Enumera alguns dos erros que Crusoe cometeu durante a sua vida na ilha. Como corrigiu ele esses erros?
8. Na tua opinião qual foi a maior lição que Crusoe aprendeu ao viver sozinho na ilha?

PALAVRAS A APRENDER

deserta
canibais

almofariz
selvagens

aventureiro
amotinar

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotelevisão Portuguesa
e Editorial Publica

volumes publicados:

Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS

Lewis Wallace BEN HUR

Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO

Anna Sewell O CAVALO PRETO

H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS

Rudyard Kipling LOBOS DO MAR

Sir Walter Scott IVANHOE

Júlio Verne A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Mark Twain AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

H. G. Wells O HOMEM INVISÍVEL

Sir Arthur Conan Doyle O CÃO DOS BASKERVILLES

Robert Louis Stevenson A ILHA DO TESOURO

Anthony Hope O PRISIONEIRO DE ZENDA

Júlio Verne 20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

Daniel Defoe ROBINSON CRUSOE

a publicar:

Herman Melville MOBY DICK